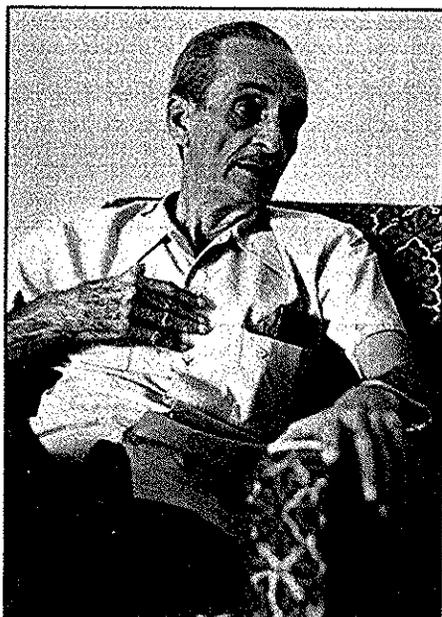


Nosso índio não sobrevive

O PACIFICADOR DOS XAVANTES
DIZ QUE O ÍNDIO VAI
INTEGRAR A RAÇA BRASILEIRA

Por André Gustavo Stumpf



LUIS ROBERTO

Meirelles: miscigenação é solução

“Já perdi a conta, mas nem no tempo do marechal Cândido Rondon alguém fez mais contatos de pacificação com índios do que eu.” Francisco “Chico” Meirelles é agora coordenador das atividades da Fundação Nacional do Índio para toda a região amazônica. Em Brasília, transmitindo ordens, assinando papéis, mancando entre seu gabinete e a sala de operadores de rádio (feriu-se ao cair do cavalo na pacificação dos xavantes em 1946), poderia estar se preparando para o merecido gozo da aposentadoria depois de 34 anos de trabalho na selva: começou participando de expedições ao território dos urucumaquãs, na Bahia, e ainda no mês passado, convalescendo de febre terçã, tomou um avião e foi à serra do Cachimbo, no Mato Grosso, acompanhar seu filho, Apoena, que ia receber de Cláudio Villas Boas a tarefa de concluir a atração dos índios kranhacãrore. Sua permanência porém é imprescindível à Funai, cuja direção deposita nesse experiente pernambucano de 65 anos as esperanças de abrir caminho às frentes de trabalho da Transamazônica e da Perimetral Norte, sem choques com tribos mais ou menos hostis.

Originário de uma família de militares, Francisco Meirelles costumava passar suas férias na Bahia, onde seu irmão mais velho, Cildo, desde 1928 trabalhava com os índios. “Ele falava tanto nos pataxós que, mesmo antes de ter visto um índio, eu já me considerava capaz de dizer como se devia pacificá-los”, costuma contar o sertanista. Finalmente funcionário do Serviço de Proteção ao Índio, sua primeira chefia de missão foi-lhe entregue pelo governo em 1945: pacificar os xavantes, que já haviam matado com flechas seu professor de indigenismo Pimentel Barbosa e, a pauladas, um padre salesiano que, confiando na proteção de Deus, invadiu a aldeia dos índios brandindo um crucifixo — o que os selvagens interpretaram como uma ameaça.

Pacificador, também, dos cintas-largas e dos pacaás-novas, Meirelles não mantém ilusões sobre a resistência do índio brasileiro ao avanço da civilização do homem branco sobre seus domínios e costumes. Encarando a absorção como uma fatalidade contra a qual nada se poderia fazer (tese contestada por muitos indigenistas, inclusive pelos irmãos Villas Boas), Meirelles vê nisso mais uma razão para, de momento, não se aposentar: ele confia que pode colaborar para que a absorção não seja cruel nem desumana.

A doença é tributo à civilização

VEJA — Qual o destino do índio brasileiro?

MEIRELLES — Entrar como fator étnico na formação de nossa raça, como está entrando o negro e vai entrar o japonês. O índio está fadado a desapare-

cer como índio. Não tem condições de sobrevivência. Agora, o progressivo desaparecimento do índio deve ocorrer por miscigenação racial e não por guerra de extermínio ou coisa parecida. Há pouco tempo os cintas-largas queriam que nossos funcionários da turma de atração — nessas turmas não há mulheres — se casassem com índias daquela tribo. E eu expus meu pensamento: acho que aquele que quiser casar pode e deve casar com índia. Devemos punir quem quiser fazer safadezas, sem assumir responsabilidades. O pai índio oferece a filha a você, se não quiser casar diga que tem outro compromisso e caia fora. Mas, querendo, deve casar.

VEJA — Qual seu objetivo pacificando índios?

MEIRELLES — Temos que ser realistas, não podemos deter uma frente pioneira de progresso. Não podemos contrariar uma política do governo de abertura de estradas que ele julga necessárias para nosso desenvolvimento. Diante disso é preciso promover a confraternização dos índios com os elementos civilizados. Mas é necessário evitar, de qualquer maneira, que sejam cometidas violências contra os indígenas, que suas terras sejam roubadas a pretexto de desenvolvimento. Não temos condições, por outro lado, de evitar que o índio contraia doenças em contato com o civilizado. Depois que entrou em contato pacífico, o índio sai para confraternizar por todos os lados, com todo mundo. Ele paga este tributo à civilização. Claro que temos que responsabilizar criminalmente quem transmite, por exemplo, doenças venéreas. Mas não podemos evitar.

VEJA — E a estrada não contribui para abreviar o desaparecimento do índio como índio?

MEIRELLES — Não é a estrada em si que destrói o índio, mas toda nossa

estrutura de vida, que chega a ele com ou sem estrada. Uns sugerem que deixemos o índio lá, como está. Mas o que adianta dizer para ele permanecer todo pintado, bonito, conservando suas características de índio, continuando a deformar seu beijo, se você não age da mesma maneira, nem permite que seu filho tenha aquela atitude? Queiramos ou não, o índio está vendo a lancha passar no rio, o avião no céu, os caminhões na estrada. Fatalmente vai entrar em contato conosco e também quer gozar dessas vantagens de nossa civilização. É hipocrisia você mandar o índio fazer fogo para esquentar-se, enquanto você, na frente dele, está bem agasalhado com uma japona de lã. Isso é discriminação, é manter o índio como espécime da nossa fauna para ser objeto de estudos desses estrangeiros, etnólogos, antropólogos, que vêm para o Brasil escondidos por um falso sentimentalismo. Dessa gente não se pode esperar coisa nenhuma. Querem escrever livros, estudar, classificar o índio como objeto de museu, como cobaia. Alguém desses já tentou transformar seus estudos em algo prático? Tudo conversa fiada. Vão para a selva fazer piqueniques, pelo menos os que eu vi trabalhar.

Nossa miséria também choca os índios

VEJA — *O que faz a Funai para que o índio tenha condições mínimas de sobrevivência?*

MEIRELLES — A Funai está engatinhando, mas está no caminho de uma política certa. É uma fase experimental, que já contraria o paternalismo do antigo SPI. Existe um esforço, mas não se pode pensar que a Funai vai agir como uma fada e com um toque de sua varinha de condão transformar tudo. Em alguns lugares está aparecendo um êxito apreciável. Quer tapar o sol com a peneira quem negar isto. O índio não é um inválido, um inútil. Temos que orientá-lo para que se torne útil a si mesmo. Mas o assunto é difícil, tão difícil que Rondon passou toda sua vida buscando uma solução e deixou tudo na estaca zero, apesar do prestígio e da força que ele teve. Creio que a reserva indígena e o empenho sério de dar a cada posto um bom enfermeiro, um encarregado motivado, sensível ao problema do índio, um instrutor que ensine aos indígenas como compreender melhor nosso sistema de vida — estas seriam algumas das soluções. Desde que tiramos o índio de uma vida nômade para uma vida sedentária, temos que prepará-lo para esta nova circunstância. Onde não desenvolvemos esse trabalho, os índios vão se alugar nas fazendas e nós não temos mercado de

trabalho para eles. Eles querem lanternas, rifles, redes boas e cobertas eficientes.

VEJA — *Essas necessidades foram levadas a eles por nós, não?*

MEIRELLES — É verdade, eles não as tinham antes. Mas a realidade é que esse contato já houve e agora o índio está querendo viver como nós, é uma opção dele. Não quer mais dormir no chão, sujeito aos bichos. Quando digo que a solução para o problema é difícil é porque sei que ela não depende só de nós da Funai, de quem se preocupa com o problema do índio e do próprio índio. Depende de muitos fatores externos. Uma das coisas que me constroem, por exemplo, é levar tantos presentes para o índio, machados, facas, roupas, enquanto os trabalhadores estão todos esfarrapados. Em alguns lugares os índios estão em situação melhor que as populações vizinhas. Quando levei os xavantes ao Rio de Janeiro pela primeira vez, eles quiseram saber de onde vinha nossa comida. Não conheciam nossas roças e viam muita fartura. Levei-os ao mercado central, onde existe uma quantidade enorme de frutas e legumes, mas também existe uma multidão de crianças e velhos catando comida no lixo. Eles me perguntaram como que nós, tão ricos, que dávamos presentes a eles, permitíamos aquele espetáculo. A cena foi um choque para eles. Muitas vezes a camisa que damos ao índio, ele entrega a um trabalhador, corrigindo um erro social nosso. Dentro dessa conjuntura, a situação do índio está ligada à do homem pobre. Quer dizer, dentro de nossa má organização social, o índio é um dos componentes.

VEJA — *Como será seu trabalho na Perimetral Norte?*

MEIRELLES — Vou trabalhar como na Transamazônica, conversando com os responsáveis pelas frentes para saber de soluções e problemas, supervisionando o serviço de todas as turmas de atração. Se for necessário, em alguma situação extraordinária, seguirei junto com a frente. Caso contrário, não. Eu e os Villas Boas nos destacamos muito, mas existem elementos tão bons quanto nós. O pessoal que está em contato com os atroaris, na Perimetral Norte, é um exemplo disto. Os atroaris já mataram alguns trabalhadores nossos e no entanto nossas turmas continuam lá, trabalhando pelo contato.

VEJA — *Quando começará efetivamente o trabalho da Funai na Perimetral?*

MEIRELLES — Agora que as chuvas pararam, as companhias construtoras começarão a transportar material e

gente para a área. E nós já estamos seguindo para fazer os trabalhos de instalação da vanguarda.

VEJA — *O método de atração dos índios mais usado é o chamado rondoniano. O senhor utiliza algum outro sistema?*

MEIRELLES — A rigor, nosso método é o clássico, que herdamos de Rondon, mas cada um introduziu algumas variáveis. Eu penetro na mata até o acampamento de caça dos índios, pois a partir daí eles consideram a terra como sua. Ali deixamos presentes. Só dou coisas úteis, facas, machados, alimentos e roupas. Não dou miçangas ou bijuterias de plástico. Depois faço uma picada do acampamento de caça dos índios até nosso acampamento, e isso funciona como convite para eles aparecerem. No fim da tarde, reúno sanfoneiro, tocador de cavaquinho, de pandeiro, começo a fazer barulho. Mando a "furiosa" tocar para que o índio veja que não estamos querendo surpreendê-lo. Passado algum tempo, os índios chegam perto e sem sair da mata imitam onças, guarás, gaviões, etc. É fácil perceber que são índios, pois não é possível aparecer tanto bicho diferente de uma só vez. Continuamos colocando presentes no acampamento de caça até que o contato ocorra. Com os cintas-largas, um dos presentes foi meia dúzia de cachorrinhos, nascidos em nosso acampamento. Eles ficaram malucos com os animais, mas não sabiam como pedir mais cachorros. Sabem o que fizeram? Pegaram um camaleão, cortaram o rabo e deixaram amarrado numa árvore. Existe muito camaleão na floresta e eles não precisam desse bicho. Deixei, então, mais cinco cachorros e, quando voltamos, já tinham pegado os cachorros e havia mais dez camaleões amarrados nas árvores.

Se necessário, força contra os atroaris

VEJA — *Mas existe um sistema de o sertanista invadir a aldeia dos índios em busca do diálogo. O senhor já utilizou esse sistema?*

MEIRELLES — Em determinados casos é preciso fazer demonstração de força para o índio que está matando gente ou criando problemas. Os atroaris estão precisando disso, pois já mataram uma expedição nossa como a do padre Caleri. Já usei esse processo de intimidação com os pacaás-novas. Durante a guerra, eles estavam matando sistematicamente os seringueiros, enquanto o governo precisava desesperadamente de borracha. Daí, entramos na aldeia, pegamos mulheres e algumas crianças para

explicar que fazíamos aquilo porque eles estavam matando nosso pessoal. E ameaçamos voltar a qualquer momento. As mulheres, sabe como é mulher, começaram a chorar e terminaram evitando a hostilidade a nosso pessoal. A invasão da aldeia a gente faz aos gritos e soltando foguetes. Naturalmente, a maioria foge para a roça. Daí trazemos os que restaram para conversar e explicamos o motivo da invasão. Ao final, deixamos presentes.

VEJA — *Eles não pressentem a chegada dos invasores?*

MEIRELLES — Eles são como nós. Somos surpreendidos e às vezes surpreendemos o índio. A gente se aproxima da aldeia quando está chovendo, pois a chuva amolece as folhas, amortece o barulho. Geralmente os índios estão conversando, rindo ou cantando. Além disso, andamos com uns índios aculturados, que, antes da expedição, fazem um reconhecimento no local e nos contam a situação em detalhes.

VEJA — *O senhor acha que será obrigado a usar esse método na Perimetral Norte?*

MEIRELLES — Se alguma tribo reclamar uma medida dessas, vamos ter que tomá-la. Os atroaris são perigosos, é necessário que se monte um dispositivo de segurança para que eles não pratiquem mais mortes. É um índio que fala português, pois já conviveu com seringueiros. Eles simulam uma confraternização e depois atacam. É preciso muita cautela: um grupo parte para o contato e o outro fica alerta para intimidá-los, se for necessário.

Minhas divergências com Villas Boas

VEJA — *Existem outros, na área da Perimetral Norte, com igual periculosidade?*

MEIRELLES — Os atroaris são os índios que inspiram mais cuidados por causa de sua simulação. Mas existem os marombos, os oiambis, de quem só sabemos que existem. São índios, embora arredios, melhores de lidar do que os pacaás-novas, que resistiram muito ao contato conosco. Eles haviam sofrido muito desde a construção da Estrada de Ferro Madeira—Mamoré. Com ela vieram os seringueiros, que juntavam trinta, quarenta homens para atacar aldeias e roubar mulheres. As mulheres pacaás-novas são muito bonitas. Cada um trazia uma mulher para si e elas terminavam morrendo de maus tratos ou de gripe, viviam até acorrentadas. A pacificação dos pacaás-novas eu considero meu me-

lhor trabalho. Não queriam namoro, o que queriam é que saíssemos de suas terras. Um dia, os seringalistas pegaram uns índios e nós conseguimos libertá-los. Esses índios ficaram conosco e serviram de intérpretes. O contato levou seis anos para ser feito. A pacificação dos xavantes foi mais fácil: eles matavam nossos cavalos, flechavam nossos companheiros, mas vinham de peito aberto. Os pacaás-novas, não. Eles se escondiam na mata e de repente nos atacavam. Foi contra eles que perdi mais gente, morreram umas onze pessoas, entre trabalhadores e auxiliares meus.

VEJA — *O índio então é perigoso e perverso?*

MEIRELLES — Não gosto de contar essas coisas porque parece que o índio é perverso. Ao contrário, desde o descobrimento do Brasil vem demonstrando que é de índole muito boa. Foi perseguido pelos portugueses e, fugindo ao trabalho forçado, veio para o interior, onde os bandeirantes também o perseguiram. Por isso no momento da pacificação vem na frente o pajé da tribo, fazendo uma série de rezas para tirar nossa maldade e nos tornar tão bons quanto eles.

VEJA — *Qual o motivo de sua divergência com os Villas Boas?*

MEIRELLES — Minha divergência com os Villas Boas decorre dos processos de integração do índio. Acho que a civilização não vai parar por causa dos indígenas. É preciso preparar as tribos para o contato com a civilização, ensinando noções básicas de sobrevivência numa sociedade competitiva como a nossa, que cria, inclusive, as necessidades que eles não tinham. Acho Cláudio Villas Boas um homem excepcional. Ele nos recebeu muito bem, a mim e a Apoena, quando estivemos com ele na serra do Cachimbo. Ele viu Apoena nascer em 1949 e, anos mais tarde, chefiou a expedição Xavantina—Cachimbo, de que meu filho participou. Divergimos cordialmente. Tenho meus pontos de vista e respeito os dele. Acho que todas essas idéias deveriam ser discutidas amplamente em congresso para definir uma política indigenista. Assim mudaria a administração da Funai e não mudaria a política em relação ao índio. Mas tem uma coisa: Cláudio faz um trabalho muito pessoal, com o qual eu não concordo. É como se fosse ele de um lado e a Funai do outro.

VEJA — *O que vai mudar no acampamento do rio Peixoto de Azevedo com a saída de Cláudio e a chegada de Apoena?*

MEIRELLES — Não vai mudar nada. Apoena vai consolidar o contato, que

é a parte mais perigosa do trabalho de pacificação: os índios podem cismar e matar todo mundo. Vamos continuar entregando presentes. Mas, daqui a dois anos, vão querer mais camisas vermelhas como as que estavam vestindo quando estive lá. E vão ter de trabalhar para conseguir dinheiro e comprar o que quiserem. É preciso, por isso, dar emprego ao índio.

VEJA — *Dois anos não é um espaço de tempo muito curto para transformar o índio em elemento produtivo segundo nossos critérios?*

MEIRELLES — O índio é gente. Vamos ensiná-lo a plantar arroz e dizer que a metade da produção é para ele comer e a outra para ser vendida. Mas não queremos quebrar a estrutura social dele. Ao contrário, vamos respeitá-la.

Índio que sabe ler deve votar

VEJA — *De que informações a Funai dispõe sobre os kranhacãrore?*

MEIRELLES — Esses índios são os mais sobrevoados do Brasil e por isso não havia motivo para a lenda dos índios gigantes. Eles são, como os xavantes, altos, mas não gigantes. Begogotire, cacique dos mekranotire, tinha 2,10 metros e sua aldeia não é povoada por gigantes. Alguns chegaram a calcular a altura dos kranhacãrore pela borduna, mas este não é o método mais indicado. Esses índios já conheciam o machado de ferro. Já tinham visto armas de fogo nas guerras contra os caiapós e nas manobras que o Para-Sar fez a 20 quilômetros da aldeia. Depois de conversar com Cláudio Villas Boas tive certeza de que são gês-tapuias, com entrosamento de algumas palavras tupis em seu vocabulário. Os kranhacãrore hoje são cerca de duzentos.

VEJA — *O senhor acha que o índio pode votar?*

MEIRELLES — Sim, os índios alfabetizados. Lembra-me, por exemplo, de um caso ocorrido em Goiás, quando um governador pediu aos xerentes para mudarem de região. O cacique Cerebece protestou e afirmou que sua tribo era tão goiana quanto o governador e as terras eram muito boas. Por esses motivos eles iam permanecer naquele local. Ora, esse índio tem perfeita consciência de sua função na tribo e na sociedade. No fundo, a proibição para o voto do índio é uma discriminação absurda. Já vi índio exercendo bem uma série de atividades. Por que ele não pode votar?